ESCÂNDALO NO PLANALTO/PERSONAGEM

Epitácio Pessoa/AE — 17/12/93

A Ilha das Cabras, em São Sebastião: avaliada em R$ 5 milhões

Miranda age na política sem esquecer negócios

Senador não tira o olho da Zona Franca de Manaus, onde construiu fortuna de US$ 500 milhões

FERNANDO GRANATO

Onde se faz negócio não se faz política. Essa frase costuma ser dita pelo senador Gilberto Miranda (PMDB-AM) para defender a lisura de seu patrimônio declarado de US$ 500 milhões, mas a prática tem mostrado que, pelo menos no seu caso, ocorre exatamente o contrário. E é a isso que se referiu o presidente Fernando Henrique Cardoso, quando disse a um integrante da cúpula petista: "Todo mundo sabe que os interesses do Miranda são subalternos."

Gilberto Miranda faz política com um olho no Congresso e o outro na Zona Franca de Manaus (ZFM), onde construiu a fortuna na base da aprovação relâmpago de projetos na Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa). Ele é acusado com freqüência de usar o cargo no Senado para defender os próprios negócios.

No início deste ano, por exemplo, reagiu como um leão ao torniquete que o governo passou nas importações da ZFM. Reuniu-se com os ministros do Planejamento, José Serra, e da Fazenda, Pedro Malan, um dia depois da edição do decreto que limitou as importações feitas pelas empresas da região, com isenção de impostos, a um total de US$ 2 bilhões ao ano.

Miranda queria que ficassem fora das restrições vários produtos, entre eles alguns dos que negocia na ZFM. O senador não conseguiu tudo que queria, mas levou alguma coisa: menos de uma semana depois do encontro com os ministros, saiu um novo decreto, excluindo das medidas alguns produtos.

Zélia — Em outro caso de mistura do poder com negócios, Miranda foi acusado de usar o cargo do irmão, então secretário de Desenvolvimento Regional do governo Collor, Egberto Batista, para obter vantagens pessoais. Isso porque uma das suas empresas, a indústria de utilitários São Jerônimo, conseguiu sinal verde da Suframa — subordinada à Secretaria de Desenvolvimento Regional — para ampliar o projeto original de montagem de caminhonetes e, assim, trazer milhares de dólares a mais para o bolso do dono.

Antes disso, Egberto redigiu a portaria número 71, liberando cotas de importação das empresas da ZFM, que a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, vinha bloqueando. O embate culminou na queda da ministra Zélia. A portaria acabou vetada pelo presidente Collor. Eram muitas as evidências de que a portaria de Egberto beneficiava o irmão Gilberto.

Num episódio recente, a possibilidade da influência do cargo para beneficiar negócios foi novamente considerada pelos inimigos de Miranda. Ele é sócio de uma empreiteira com sede na Amazônia, a Ralc, e o Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) — projeto do qual é relator no Senado — tem obras civis com custos estimados em cerca de R$ 150 milhões. O sub-secretário executivo da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), brigadeiro Arquimedes Faria, declarou que empreiteiras da Amazônia terão mais facilidade para vencer a licitação dessas obras, porque conhecem melhor a área.

Mas as acusações contra Miranda não se referem somente a grandes negócios. Num problema aparentemente banal, também recente, ele teria usado o prestígio político para conseguir asfalto, sinalização de tráfego, lombadas e olho-de-gato na pista de acesso à casa de campo, em Saboó, bairro sofisticado de São Roque (SP), segundo o jornal *O Carambeí*. Em contrapartida, muitas estradas de acesso a indústrias e utilizadas para escoar a safra agrícola da região ainda não foram asfaltadas.

Passat velho — Filho de um tintureiro de São José do Rio Preto (SP), Miranda costuma contar que chegou a Manaus, há 21 anos, apenas com o dinheiro da venda de um Passat velho, sua única propriedade. Já havia sido contínuo em cartório, empacotador de uma loja e instrutor de natação do Iate Clube de Brasília, além de professor de educação física no Centro Integrado de Ensino Médio, onde teve como alunos pessoas que se tornaram importantes no circuito do poder, gente como o empresário e ex-deputado Paulo Octávio (PRN-DF) e o ex-presidente Collor.

Depois disso, cursou Direito e a advocacia o levou a Manaus e ao império de indústrias que hoje comanda. A Humana S.A., holding de seu grupo, fundada em 1978, está expandindo os limites geográficos e ramos de atuação. O grupo investiu na China cerca de US$ 40 milhões, no ramo de fabricação de componentes eletrônicos.

As empresas de Miranda têm um faturamento anual de US$ 500 milhões. Desde que assumiu a cadeira no Senado — era suplente de dois senadores e ganhou a vaga quando Amazonino Mendes assumiu a prefeitura de Manaus —, Miranda vive na ponte-aérea entre Brasília, Manaus e São Paulo. Gosta de luxo e não esconde. Comprou recentemente, por US$ 4 milhões, uma casa com fachada em estilo francês, num terreno de 2,5 mil metros quadrados no Jardim Europa, região nobre de São Paulo — "um sonho antigo", como declarou.

ADEGA EM MANSÃO PAULISTA TEM 2 MIL GARRAFAS

Adega — Miranda faz parte da Confraria dos Amigos do Vinho, na qual os associados abrem garrafas de até US$ 3 mil. Sua adega, famosa em São Paulo, possui cerca de duas mil garrafas, num conjunto avaliado por entendidos em cerca de R$ 400 mil. Apenas parte de seu patrimônio de US$ 500 milhões inclui uma ilha em São Sebastião (SP), a Ilha das Cabras, avaliada em R$ 5 milhões; uma casa em Manaus; apartamento em Brasília; uma fazenda em Rio Claro (SP); a mansão paulista; a casa de campo em São Roque; e um apartamento de cobertura no Guarujá (SP). Isso sem contar os carros importados, o helicóptero Bell Ranger e o jatinho Learjet 36.

Miranda não se considera rico. "Aproveito bem aquilo que ganhei." Sobre tráfico de influência diz que "é tudo mentira" dos inimigos. "Não aprovei nenhum projeto novo quando meu irmão estava no governo, apenas ampliei projetos velhos, como o da São Jerônimo."

Em relação ao envolvimento no episódio da escuta telefônica do embaixador Júlio Cesar Gomes, citado numa conversa sobre propinas, Miranda afirma: "Ninguém teria coragem de me subornar."

■ *Mais informações sobre Gilberto Miranda e o Sivam nas páginas A12 e A16*